

O pensamento anticolonial de Frantz Fanon e a Guerra de Independência da Argélia

Walter Günther Rodrigues Lippold*

Resumo

Este artigo trata sobre o pensamento anticolonial na África e das conjunturas das quais estas teorias surgem, ou seja, refere-se ao processo de descolonização africana, mais precisamente ao argelino. Ao contrário das teses eurocêntricas que afirmam não haver reflexão interna sobre os problemas africanos, existiram vários pensadores que se dedicaram à análise do seu continente, entre eles Frantz Fanon e Albert Memmi.

Palavras-chave: descolonização africana, alienação colonial, terceiro-mundismo.

Introdução

Este artigo visa suscitar um maior interesse sobre a história e o pensamento africano contemporâneo, pois, apesar de sua profunda relação histórica com a África, no Brasil, ainda são escassos os estudos sobre este continente. Assim, busquei compreender o pensamento anticolonial africano, com ênfase na obra de Frantz Fanon, mas adentrando, em alguns aspectos, nas teorias de outros pensadores como Albert Memmi. A teoria de Fanon traz à tona questões pertinentes à realidade brasileira, daí a importância de resgatar sua obra. O racismo assimilativo brasileiro – com seus estereótipos de “beleza branca” e “feição negra”, reproduzidos principalmente na TV – muitas vezes leva o afro-brasileiro à despersonalização, ao embranquecimento estético e cultural. Fanon analisa esta despersonalização em sua obra, conforme constata-se em seu conceito de alienação o qual pode ser comparado com a visão de Albert Memmi. A questão da violência, tanto a do colonizador como a do colonizado, também é analisada por Fanon. Ele justifica a utilização de meios violentos para derrubar o colonialismo e vê na violência anticolonial uma práxis totalizante que liberta o colonizado de suas alienações.

* Graduado em História e Especialista em História do Mundo Afro-Asiático pela FAPA. Esse artigo constitui uma síntese da monografia de especialização, orientada pelo Prof. André Reis da Silva.

Adentrarei na História da Argélia, principalmente na fase de luta anticolonial, já que Fanon forjou grande parte de seu pensamento neste contexto violento no qual o povo argelino combatia o poderoso estado colonialista francês. Com a exposição destes aspectos, poderemos averiguar as relações do pensamento de Fanon com o contexto da luta anticolonial africana e do chamado terceiro-mundismo, em que os povos outrora colonizados puderam afirmar seu papel de protagonistas no devir histórico mundial e descartar as visões eurocêntricas que ditam ser a África um continente sem pensamento autônomo que reflita sobre sua própria realidade.

Argélia: colonização e resistência

A colonização francesa na Argélia foi de povoamento, os *pied-noirs*¹ ganhavam ou compravam as terras expropriadas dos nativos, processo esse regulamentado pela *Lei Warnier* de 1873. Segundo Sartre², “em 1850, o domínio dos colonos era de 11500 hectares. Em 1900, de 1 600 000; em 1950, de 2 703 000”. Assim os nativos foram sendo empurrados para as áreas mais improdutivas e desérticas. Os franceses desestruturaram a economia argelina: nas terras onde antes eram plantados cereais para comer, os colonizadores plantaram videiras para a produção e exportação de vinhos para a Europa. Sartre³ afirma que: “[...] o Estado francês entrega a terra árabe aos colonos para criar-lhes um poder de compra que permite aos industriais metropolitanos vender-lhes seus produtos; os colonos vendem aos mercados da metrópole os frutos dessa terra roubada”.

Em 1865, a Argélia foi anexada oficialmente pela França, a qual decretou que todos os que renegassem o estatuto civil muçulmano receberiam a cidadania francesa. Em 1880, foi criado o “Código dos Indígenas” que previa duras penas aos que contrariassem as leis coloniais⁴. Sartre⁵ ressalta que, em 1884, houve “[...]o estabelecimento da União Aduaneira. Esta União permanece [1954]: ela assegura o monopólio do mercado argelino a

¹ Colonos franceses principalmente, mas podiam ser de outras nacionalidades européias.

² SARTRE, Jean Paul. O colonialismo é um sistema. *Les Temps Moderns*, nº 123, março-abril de 1956. IN: *Colonialismo e Neocolonialismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968, p.27.

³ *Ibidem*, p.27.

⁴ YAZBEK, Mustafá. *Argélia: a guerra e a independência*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 18.

⁵ SARTRE, op. cit., p. 25.

uma indústria francesa em situação desvantajosa no mercado internacional por seus preços muito elevados.”

Neste trabalho, quando trato de colonialismo, estou falando do sistema que se valorizou a partir do século XIX, com a necessidade de o capitalismo industrial europeu buscar fontes de matérias-primas e novos mercados para seus produtos industrializados. Assim, as potências colonialistas, como Inglaterra e França,, anexaram territórios, exercendo o controle político direto sobre eles. A troca desigual, reforçada pela monopolização da economia colonial pela metrópole, aumentou os lucros dos colonizadores. O colonialismo, na época imperialista, continua a ter um papel fundamental. Agora, porém, as potências coloniais buscam inverter capital na colônia, devido às baixas taxas de inversão de capital na metrópole, ao advento da 2º Revolução Industrial e, principalmente, ao baixo preço da força de trabalho e à proximidade dos recursos naturais a serem explorados. Assim constrói-se uma infra-estrutura básica que possibilite o aumento dos lucros da metrópole. As ferrovias são o maior exemplo dessa infra-estrutura básica. A indústria desenvolvida é ligada somente às etapas iniciais da transformação da matéria-prima. Assim o imperialismo pode agir tanto em colônias, “semicolônias” como em territórios independentes politicamente.

Mesmo sob o jugo colonial, a sociedade argelina diversificou-se bastante nas primeiras décadas do século XX, em que houve crescimento industrial devido à criação de empresas mineradoras e à agricultura. A malha rodoviária e ferroviária também foi desenvolvida. Com isso ocorreu o crescimento demográfico urbano que ocasionou o desenvolvimento - dentro dos limites da condição colonial – das possibilidades econômicas de muitos argelinos⁶. Neste contexto, surgiram as primeiras organizações nacionalistas ou proto-nacionalistas argelinas: Messali Hadj funda a Estrela Norte Africana, que arregimenta os trabalhadores do Maghreb. Com a dissolução da E.N.A., pela repressão francesa, Messali ajudou a criar, em 1937, o Partido do Povo Argelino (PPA), que gerou a “[...]O.S. (Organization de Sécurité), um tipo de entidade paramilitar, organizada em células, que

⁶ YAZBEK, Mustafá. *Argélia: a guerra e a independência*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.18.

teria atuação importantíssima no desencadeamento da luta armada, quando já escasseavam os liames que a uniam ao P.P.A”⁷.

Em 1945, após o fim da II Guerra Mundial, ocorreram os conflitos em Sétif e em Ghelma, por causa da promessa quebrada por De Gaulle de libertar a Argélia após a Guerra. As forças francesas massacraram aldeias inteiras, o que ajudou, em grande parte, a abrir o caminho para a luta armada. Apesar de terem mandado argelinos em grande quantidade para lutar na Europa e no próprio norte africano, tendo em vista a perspectiva de uma independência, apesar de terem perdido 65 mil homens e de terem ajudado na libertação da França ocupada pelo nazismo, a metrópole não cumpriu sua promessa de libertar a Argélia do jugo colonial.

Então, os argelianos saíram às ruas para comemorar o Dia da Vitória, a 8 de maio de 1945. A demonstração a princípio pacífica foi interrompida pela intervenção inesperada do exército francês, auxiliado pelos soldados senegaleses. A permissão de abater muçulmanos nas ruas foi estendida aos colonos, que se emularam com a Legião Estrangeira no saque e no assassinato. O ódio, misto de medo, dos colonos tornou incontrollável a sublevação armada em Sétif e Ghelma, onde o povo revidou o massacre, atacando alguns centros de colonização.⁸

Nas eleições de 1948, os franceses utilizaram-se de táticas nada democráticas para impedir que candidatos pró-independência chegassem ao poder. Por trás do discurso democrático, escondia-se a face real da opressão colonial: no momento em que emergiram os candidatos do M.T.L.D., os franceses, sem hesitar, prenderam a maioria deles. Além disso:

[...]confiscaram jornais, proibiram reuniões públicas, incumbiram a polícia de presidir as eleições em algumas localidades, não fizeram a distribuição de títulos eleitorais em muitas regiões e, em outras ainda, violaram as urnas antecipadamente. Tudo isso sob os auspícios da Força Aérea que efetuava vôos rasantes sobre as aldeias, para assustar e advertir a população, e do Exército, que se valeu das metralhadoras como instrumentos de propaganda eleitoral, inclusive fazendo vítimas entre o eleitorado.”⁹

O nacionalismo argelino estava cada vez mais convencido que a via legal de emancipação estava esgotada, ou melhor, nunca tivera espaço para desenvolver-se por

⁷ POERNER, Arthur José. *Argélia: O Caminho da Independência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p.29.

⁸ *Ibidem*, p.24.

⁹ *Ibidem*, p.31.

causa da violenta repressão francesa. A França, tão propalada por sua defesa dos ideais de 1789, mostrou que, quando se trata de colonialismo, a democracia torna-se somente um discurso vago, um encobrimento dos mecanismos reais das relações entre colonizados e colonizadores. A Argélia pertencia à França, mas não podia partilhar do sistema democrático-liberal francês.

Com o amadurecimento do movimento anticolonial argelino, surgiram antagonismos e divisões nas fileiras nacionalistas. O MTLD acabou por rachar em uma facção messalista e em outra anti-messalista, enfraquecendo a organização da luta pela independência. Isto

[...]leva os veteranos da O.S. “Ben Boulaïd, Didouche Mourad, Ben M’hidi Larbi, Boudiaf, Bitat e Belkacem, na Argélia, Mohamed Khider, Aït Ahmed e Ben Bella, no Cairo – conhecidos na História da Argélia como os *nove chefes históricos*[...]” a firmar um acordo onde se renunciava às rivalidades anteriores.¹⁰

Estes chefes históricos criaram, em 1954, o Comitê Revolucionário de Unidade e Ação (CRUA) e este formou a Frente de Libertação Nacional (FLN) e o seu braço armado o Exército de Libertação Nacional (ELN). O ELN estava dividido em três tipos de tropas com táticas diferentes: os *moudjahidines* eram os soldados convencionais, uniformizados e integrados nas unidades do ELN; os *moussebilines* eram os sabotadores de linhas de comunicação e estradas e os responsáveis pelo transporte de armas e de feridos e pelo serviço de informação; os *fidaiyines* eram os responsáveis pelos atentados pessoais e pelas sabotagens urbanas, explosões e incêndios. O termo *fidai* em árabe quer dizer terrorista.

Com as ações do ELN, incluindo terrorismo e sabotagem, a repressão aumentou. Chegaram tropas de elite francesas, os pára-quedistas, que também se utilizavam do terrorismo, além da tortura e dos massacres. Lembremos que 1954 foi também o ano da derrota francesa em Dien Bien Phun na Indochina, um golpe poderoso no colonialismo francês. Em 1955, a FLN participou da Conferência de Bandung em que os povos afro-asiáticos defenderam sua autodeterminação e o fim do colonialismo.

O feto da luta armada tinha crescido na exata proporção em que o regime colonial manifestava sua incapacidade de renunciar pacificamente a seu sistema de

¹⁰ Ibidem, p.35, grifo do autor.

exploração do povo da Argélia. Durante aqueles nove anos, as reivindicações abertas dos partidos legais tinham esbarrado no silêncio francês.¹¹

Com a inserção da FLN nos meios urbanos, cresceu a heterogeneidade no seu movimento: “cristãos e muçulmanos, progressistas, intelectuais liberais e comunistas”¹². A solidariedade de países como o Egito, Marrocos e Tunísia com a FLN crescia. Enquanto Nasser apoiava diretamente a independência argelina, o Partido Comunista Argelino, seguindo as diretrizes do Partido Comunista Francês, criticava as ações da FLN, principalmente o terrorismo, o nacionalismo e os aspectos religiosos do movimento. Mas Yazbek¹³ defendeu estes dois últimos aspectos, pois eles ajudaram a trazer a coesão e uma identidade comum para a luta contra o invasor francês.

Entre janeiro e setembro de 1957 a FLN recebia um duro golpe no episódio conhecido como “a batalha de Argel”, uma sucessão alucinante de choques armados e atentados que sacudiram a capital. Nesse episódio, a base de apoio dos rebeldes era a Casbah, o bairro árabe. Após usar todos os recursos de combate à guerrilha urbana, os pára-quedistas anunciavam a liquidação da rede montada pelos rebeldes em Argel, coordenada por Yacef Saadi.¹⁴

O filme de 1965 - *A Batalha de Argel* - é uma produção ítalo-argelina, dirigida pelo diretor italiano Gillo Pontecorvo, que procura reconstituir os acontecimentos deste episódio. Ele mostra também aspectos da luta anticolonial urbana na Argélia, suas táticas e idéias. O filme é importante, pois foi feito com a ajuda do povo argelino e de figuras significativas da FLN, como Yacef Saadi, que inclusive nele atua e é seu produtor associado. Podemos, através desta produção, conhecer alguns comunicados da FLN que nela são citados, como o que determina pena de morte para traficantes, cafetões e viciados da *Casbah*. Esta obra ganhou prêmios como o Leão de Ouro do Festival de Veneza e é considerada um dos filmes políticos mais importantes dos anos 60 do século XX. Ela também apresenta alguns aspectos da crise política pós-independência, pois como foi

¹¹ Ibidem, p.36.

¹² YAZBEK, Mustafá. *Argélia: a guerra e a independência*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.38.

¹³ Ibidem, p.40.

¹⁴ Ibidem, p.45-46.

rodado na época do governo Boumedienne, nenhuma referência é feita a Ben Bella, sendo este um *conteúdo latente*¹⁵ do filme.

O filme traz à tona vários elementos importantes que fizeram parte do contexto de luta pela independência argelina: o ódio racial do francês para com o árabe, as diferenças gritantes entre a “cidade européia” e a *Casbah*, a tortura aplicada pelos franceses e os atentados terroristas da FLN. O que não fica explícito no filme são as ligações da FLN urbana com o campo, já que a luta originou-se na zona rural e depois atingiu a cidade. Em alguns momentos, fica claro que o filme é de 1965, mesmo ano da queda do primeiro presidente argelino, Ben Bella, e de sua substituição pelo Coronel Boumedienne, também da FLN. Em um determinado momento, Ali La Pointe, protagonista do filme, conversa com o líder Ben M’Hidi que diz algumas palavras sobre como é mais difícil continuar uma revolução do que começá-la. Ele completa sua fala dizendo que, quando acabar a guerra, aí sim começarão realmente, os tempos difíceis, numa alusão clara às dificuldades da pós-independência argelino. A riqueza do filme é tão grande que, além de comunicados oficiais da FLN, em alguns momentos são expostas as táticas e as estruturas de funcionamento dos setores urbanos da FLN. A ação repressiva e humilhante dos pára-quedistas com seus métodos “pouco convencionais”, como explodir militantes dentro de seus esconderijos, também é ressaltada no filme. Lembremos que estes militares estavam com bastante raiva dos “povos inferiores”, já que haviam sido derrotados em Dien Bien Phu, precisavam agarrar-se à Argélia, “se a França quer continuar na Argélia, que se aceitem as conseqüências!” diz o coronel Mathieu à imprensa no filme.

Em setembro de 1958, foi proclamado, no Cairo, o Governo Provisório da República Argeliana (GPRA), logo reconhecido por Marrocos, República Árabe Unida, Tunísia, Líbia, Iêmen e Iraque. As atitudes dos franceses, com sua repressão violenta, somente

¹⁵ Baseamo-nos, para a análise do filme *A Batalha de Argel*, na metodologia de Ferro (1992, p.93), pela qual, a partir do *conteúdo aparente* do filme, devemos buscar o *conteúdo latente* que pode mostrar-nos uma *zona de realidade (social) não visível*. É necessário conhecer aspectos externos do filme, por exemplo, o histórico do diretor, além de também averiguar seu impacto nas platéias. Outro aspecto importante da metodologia para a pesquisa em “filmes históricos” é a clareza quanto à relação passado-presente na produção cinematográfica, ou seja, todo filme que retrata uma determinada época passada, traz traços do seu próprio tempo. Mesmo no caso de um filme como *A Batalha de Argel*, que foi lançado poucos anos após os acontecimentos que se propôs retratar, podemos observar *conteúdos latentes* que denotam aspectos da época em que o filme foi rodado.

traziam mais militantes para a FLN. As torturas, as humilhações diárias e os infames “reagrupamentos” mostravam o colonialismo desnudo, sem nenhuma maquiagem ou véu ideológico encobridor. Em 1960, ocorrem manifestações gigantescas pela Independência e confrontos violentos nas ruas de Argel, em que os soldados franceses atiravam nos civis desarmados. De Gaulle, em janeiro de 1961, “convoca um *referendum* de consulta ao povo francês a respeito dos destinos das relações entre França e Argélia. O resultado mostrou que 75% do eleitorado era favorável à autodeterminação argelina”¹⁶. Mesmo com as tentativas de golpes de setores descontentes com o fim do colonialismo, os *acordos de Evian* foram assinados em 18 de março de 1962. A guerra sangrenta chegava ao fim com um saldo de um milhão de mortos, na maioria argelinos.

A alienação colonial

O racismo é a ideologia mais arraigada no colonialismo. Consiste em uma justificação do devir colonial a superioridade técnica, proveniente de processos históricos diferenciados acaba por tornar-se – ideologicamente – “superioridade biológica”. O preconceito racial é, no entanto, anterior ao processo colonial. Na Idade Média europeia, já se criavam imagens negativas do continente africano e do negro que era associado ora ao exotismo, ora ao mal e ao pecado. Para Santos,¹⁷ “o racismo é uma ideologia e, como tal, também foi concebido como uma estratégia de poder em acordo com as expectativas de parte de uma determinada sociedade”. Já que as potências coloniais defendem o ideário burguês de que “todos os homens nascem iguais” e, portanto, todos têm direitos naturais em comum, fabrica-se o sub-homem que não partilha desses “direitos inalienáveis”.

A inferiorização do outro é a condição básica da ideologia racista, sub-humanos merecem a escravidão já que não são parte da cultura e sim da natureza. O racismo é um pré-conceito que, geralmente, se pretende científico, o racista acredita piamente que é superior ao outro. Ele coloca o biológico como determinante do desenvolvimento humano. Acredito, porém, que não há essência humana que preceda a existência; a essência se faz, se constrói na *práxis humana*, portanto o racismo é metafísico porque visa eternizar diferenças

¹⁶ Ibidem, p.50.

¹⁷ SANTOS, Gislene Aparecida dos. Selvagens, Exóticos, Demoníacos. Idéias e Imagens sobre uma Gente de Cor Preta. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, nº 2, p.275-289, 2002, p.277.

culturais provenientes de processos históricos diferenciados. Se há uma essência humana é de ser o *ser-da-práxis*, assim ela é uma *vir-a-ser* constante.

O racismo dos negros e árabes contra os brancos-europeus não pode ser analisado da mesma forma que o dos brancos contra os não-brancos. O primeiro é uma resposta *a posteriori* à suposta superioridade branca. O racismo do oprimido é fruto do racismo do opressor, dele descende diretamente. Muitas vezes, o “racismo anti-racista” configura-se num aspecto positivo, na luta contra a negação de si mesmo empreendida pelos europeus. O racismo e a xenofobia do colonizado são para Memmi¹⁸ resultados da mistificação geral que é construída pelo colonialismo. É uma necessidade. A princípio, é uma negatividade, um ressentimento contra o colonizador, mas pode vir a ser um prelúdio de uma positividade, ou seja, o colonizado recupera sua identidade por si mesmo. É uma contramitologia, combatendo o mito negativo, criado e imposto pelo colonizador, surge um mito positivo de si mesmo, criado pelo colonizado. A exaltação do negro e de suas “qualidades intrínsecas” (emoção, ritmo, musicalidade, feita pela Negritude é uma tentativa de autovalorização, após séculos de inferiorização, mesmo que esta exaltação, muitas vezes, considere o *ethos* africano como essência a-histórica.

Atualmente, o racismo é reproduzido cotidianamente através de novelas, como a recente da Rede Globo, *Cor do Pecado*, em que a negra é vista com exotismo e sensualidade, trazendo à tona um dos estereótipos construídos para as afro-descendentes: ora são empregadas, ora amantes sensuais, às vezes as duas coisas. O nome da protagonista era simplesmente... Preta, nada mais. As revistas também ajudam na propagação da ideologia racista, assim como as propagandas de TV que sempre utilizam modelos brancos, fixando uma noção estética em que o branco representa o belo e o negro a feiúra.

No processo colonial, a escola demonstrava-se como um dos principais irradiadores do racismo. Havia nela dois níveis de formação, um para a minoria que devia ser ensinada para o papel de colonizador, portador da civilização, e outro para a maioria colonizada que deveria aprender sobre sua própria condição inferior para obedecer aos ditames coloniais.

¹⁸ MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.114-119.

Fanon e Memmi debruçam-se sobre o racismo o visualizando como a ideologia mais comum no processo de alienação gerado pela condição colonial.

O pensador e revolucionário Frantz Fanon (1925-1961) nasceu na Martinica e depois de servir o exército francês na luta contra o nazismo, estudou medicina em Lyon, formando-se em psiquiatria. Além da medicina, Fanon estudou filosofia, frequentou cursos de Jean Lacroix e Merlau-Ponty, debruçou-se principalmente sobre as obras de Hegel, Marx, Lênin, Kierkegaard, Husserl, Heidegger e Sartre e aprofundou-se no conceito de alienação desenvolvido por Hegel e Marx. Em 1952, ele escreveu *Pele Negra, Máscaras Brancas* [*Black Skin, White Masks*], um de seus trabalhos mais famosos.

Logo após seus estudos, Fanon foi trabalhar na Argélia como médico-chefe da Clínica de Blida-Joinville. A partir do seu contato com a realidade da colônia, engajou-se na luta pela independência argelina, tornando-se argelino. Após sua entrada na Frente de Libertação Nacional argelina, ele tornou-se representante do Governo Provisório em vários encontros entre países africanos e do Terceiro-Mundo em geral. Em 1961, Fanon descobriu que estava com leucemia e escreveu, em 10 meses, *Os Condenados da Terra*, vindo a morrer no mesmo ano. A obra de Fanon insere-se no contexto das independências africanas e no chamado terceiro-mundismo e exerceu bastante influência em movimentos negros radicais dos Estados Unidos, como os Panteras Negras,¹⁹ e principalmente em movimentos anticoloniais.

Albert Memmi nasceu na Tunísia e era de origem judaica. Sua língua era o árabe e ele foi educado nas escolas francesas, estudou na Universidade de Argel e na Sorbonne. Albert Memmi vivenciava três culturas diferentes, como judeu que falava árabe e que fora educado pelos franceses. Além de ser escritor renomado da literatura tunisiana, foi professor em da Carnot High School em Tunis. Memmi, judeu criado no interior de uma cultura magrebina, conforme o modo ocidental, postulou um modo de ser que permitisse a negação do aniquilamento sócio-econômico e cultural do colonizado. Memmi e Fanon são os representantes do *pensamento anticolonial africano* que aprofundaram-se nas alienações geradas pelo colonialismo e como elas servem ao *modus operandi* colonial. Fanon escreveu

¹⁹ SOARES, Orson. *Defendam-se: A História dos Panteras Negras*. São Leopoldo: Unisinos, Trabalho de Conclusão do Curso de História, 2003, passim.

em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* sobre a situação do negro antilhano e dos africanos. Memmi abordou o colonizado em termos gerais. O pensamento de ambos encontra, porém, similaridades em diversos pontos essenciais. Em primeiro lugar está a questão da alienação colonial, desta construção mítica do colonizado e também do próprio colonizador. Estes pensadores analisaram os mecanismos da alienação e viram nela um suporte primordial à empresa colonial: esta alienação cria a justificação para o colonialismo. Por ser o colonizado retratado como primitivo, preguiçoso, no limiar entre o homem e o animal, o colonizador tem a missão, ou pelo menos acredita nisso, de civilizá-lo, de levar luz a estas trevas em que consiste a sociedade do colonizado. Quanto a esta ideologia do colonizador, Memmi²⁰ diz:

Portador de valores da civilização e da história, cumpre uma missão: tem o grande mérito de iluminar as trevas infamantes do colonizado. Que esse papel lhe traga vantagens e respeito nada mais justo: a colonização é *legítima*, em todos os seus aspectos e conseqüências.

A alienação colonial inferioriza o colonizado/negro/árabe, o obriga a vestir uma *máscara branca*, ele sofre inclusive de transtornos psicológicos como o sentimento de inferioridade perante o colonizador branco. Conforme Fanon, o racismo cumpre com eficácia o seu papel: faz com que o colonizador possa dormir com a consciência serena - já que está explorando “sub-raças” - e faz com que o colonizado sinta-se fraco e inferior, possibilitando o aumento da dominação cultural. Fanon afirma que, apesar de utilizar-se de uma análise psicológica em *Black Skin, White Masks* :

[...] é aparente para mim que a desalienação efetiva do homem preto vincula-se ao reconhecimento imediato das realidades sociais e econômicas. Se existe um complexo de inferioridade, ele é o resultado de um processo duplo:
- Primeiramente, econômico ;
- Subseqüentemente, a internalização – ou, melhor, o epidermalização – desta inferioridade²¹. (tradução minha)

²⁰ Ibidem, p.72.

²¹ FANON, Frantz. *Black Skin, White Masks*. New York: Grove Press, 1967, p.11-12. “[...]it is apparent to me that the effective disalienation of the black man entails an immediate recognition of social and economic realities. If there is an inferiority complex, it is the outcome of a double process: primarily, economic; subsequently, the internalization –or, better, the epidermalization – of this inferiority.”

Para Fanon,²² o negro sofre de um desvio existencial implementado pela cultura branca. Uma verdadeira neurose toma conta da psiquê do negro, ele tenta de todo modo fugir de sua própria identidade, ele tenta a todo custo aniquilar a sua própria presença. Os valores brancos parecem-lhe os mais verdadeiros, os mais evoluídos: “[...]eu começo a sofrer por não ser branco no mesmo grau que o homem branco impõe a discriminação em mim, faz de mim um nativo colonizado, rouba-me todo valor, toda individualidade, diz-me que sou um parasita no mundo[...]²³”(tradução minha).

Não importa para o colonizador quem é realmente o colonizado. Esta mistificação condiz com as demandas coloniais: nada mais válido do que colonizar um povo “preguiçoso”, que “não produz nada em suas terras”. A visão do colonizador pioneiro, sempre ativo e com uma pá na mão, com o olhar perdido no horizonte, pensando no progresso e no futuro, é a antítese da do colonizado. Neste ponto Memmi e Fanon novamente se aproximam, principalmente quando o segundo afirma que o negro “é escravizado por sua inferioridade, o branco escravizado por sua superioridade²⁴” (tradução minha). A alienação é mútua, o colonizador ao criar uma imagem mítica do colonizado, também é alienado em sua imagem, em seu retrato.

Estas imagens ideológicas do negro estimulam uma visão em que há desprezo, mas também temor. É o que Fanon chama de *negrofobia*. Aqui está o *mito do negro biológico*, pelo qual a alteridade negra é vista e temida pelo olho/eu europeu, que considera que os africanos e seus descendentes

[...] têm poderes sexuais tremendos. O que você espera, com toda liberdade que eles têm em suas selvas! Eles copulam a toda hora e em qualquer lugar. Eles são realmente genitais. Eles têm tantas crianças que não podem contá-las. Tome cuidado, ou eles irão encher-nos com mulatinhos. As coisas estão indo pro inferno...O governo e o serviço civil estão à mercê dos judeus. Nossas mulheres estão à mercê dos negros²⁵. (tradução minha)

²² Ibidem, p.93.

²³ Ibidem, p.98. “[...]I begin to suffer from not being a white man to the degree that the white man imposes discrimination on me, makes me a colonized native, robs me of all worth, tells me that I am a parasite on the world[...].”

²⁴ Ibidem, p.60. “[...]enslaved by his inferiority, the White man enslaved by his superiority[...].”

²⁵ Ibidem, p.157. “[...]have tremendous sexual powers. What do you expect, with all the freedom they have in their jungles! They copulate at all time and in all places. They are really genital. They have so many children that they cannot count them. Be careful, or they will flood us with little mulattoes. Things are indeed going to hell...The government and the civil service at the mercy of the Jews. Our women at the mercy of the Negroes”.

Como demonstrou Fanon - adentrando no pensamento do racista – estas imagens ideológicas que tornam possível o temor pelo negro, também estão explícitas na atitude quanto ao: “Judeu [que] é temido por causa de seu potencial por aquisições. ‘Eles’ estão em todo lugar. Os bancos, as bolsas de valores, o governo está infestado por ‘eles’. ‘Eles’ controlam tudo.[...]Logo ‘eles’ estarão fazendo as leis para nós²⁶”(tradução minha). Qualquer comportamento que saia dos estereótipos criados, logo causa desconfiança no colonizador:

[...] naturalmente, assim como um judeu que gasta dinheiro sem pensar é suspeito, um homem preto que cita Montesquieu deve ser melhor observado[...]Quando um negro fala de Marx, a primeira reação é sempre a mesma: ‘Nós trouxemos você até o nosso nível e agora você voltou-se contra seus benfeitores. Ingratos! Obviamente nada poder ser esperado de você²⁷. (tradução minha)

Eis que deste emaranhado de imagens que liga o negro ao mal, à feiúra e à preguiça, surge no próprio negro a vontade de fugir da analogia imposta pelo eurocentrismo. A ideologia do colonizador acaba por penetrar na consciência do colonizado que, alienado, identifica-se com as imagens míticas criadas:

“Não terá um pouco de razão? – murmura ele. Não somos, de certo modo, um pouco culpados? Preguiçosos, já que temos tantos ociosos? Medrosos, já que nos deixamos oprimir?” Desejado, divulgado pelo colonizador, este retrato mítico e degradante acaba, em certa medida, por ser aceito e vivido pelo colonizado.²⁸

Ele não se aceita mais como negro ou como árabe, quer ser branco/europeu, quer fugir de todos estes estereótipos fortalecidos na condição colonial. Aqui começa a *construção da máscara branca*. Esta tentativa de ser assimilado é analisada tanto por

²⁶ Ibidem, p.157. “The Jew is feared because of his potential for acquisitiveness. ‘They’ are everywhere. The banks, the stock exchanges, the government are infested with ‘them’. ‘They’ control everything.[...] Soon ‘they’ will be making the laws for us”.

²⁷ Ibidem, p.35. “[...]naturally, just as a Jew who spends money without thinking about it is suspect, a black man who quotes Montesquieu had better be watched[...] When a Negro talks of Marx, the first reaction is always the same: ‘We have brought you up to our level and now you turn against your benefactors. Ingrates! Obviously nothing can be expected of you’.”

Memmi quanto por Fanon,. Neste processo de embranquecimento cultural busca-se estar o mais próximo da brancura: o negro para atingir este objetivo muitas vezes procura amantes brancas, pois ele pensa que ao ser amado por ela ele é digno do amor branco, ele enfim é branco²⁹. O negro que quer ascender socialmente procura apossar-se de símbolos de status social, um deles é, com certeza, a mulher loura; isto é corriqueiro no Brasil. Muitas mulheres negras buscam embranquecer, não só buscando parceiros brancos, mas também fisicamente. Países como o Senegal possuem alta porcentagem de mulheres que usam produtos - geralmente nocivos à saúde - para branquear a pele.

A ideologia colonial procura sempre deslegitimar a história do colonizado, busca apagar sua memória. A escola é um dos centros de reprodução desta ideologia. Os heróis são os da metrópole, os sábios e pensadores também, a divisão da história é o quadripartismo francês.

Interroguemos o próprio colonizado: quais são seus heróis populares? Seus grandes líderes populares? Seus sábios? Mal pode dar-nos alguns nomes, em completa desordem, e cada vez menos à medida em que descemos de gerações. *O colonizado parece condenado a perder progressivamente a memória*³⁰.

As festas comemoradas com maior vigor são as da metrópole, inclusive as religiosas. O desfile militar é um evento constante, é um símbolo da força do colonizador. Uma cena caricatural, que exemplifica tudo isto, é descrita por Ferro³¹:

“Crianças, amai a França, vossa nova pátria”, dizia o professor. Em Argel, em 1939, comemoravam-se os 150 anos da Revolução Francesa: jovens árabes e mourescos desfilavam, os primeiros portando o traje dos sans-culottes, os segundos, com a fronte cingida por uma coroa tricolor. Pois “a França entende levar, para onde for possível ,sua língua, seus costumes, sua bandeira, seu gênio”, já dizia Jules Ferry.

Quebrando a máscara branca: revolta e violência

²⁸ MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.83.

²⁹ FANON, Frantz. *Black Skin, White Masks*. New York: Grove Press, 1967, p.63.

³⁰ MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.94. Grifo do autor.

³¹ FERRO, Marc. *História das Colonizações: Das Conquistas às Independências. Século XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.148.

Ao vivenciar sua condição alienada, o colonizado/negro busca fugir dos estereótipos construídos na sociedade colonial. A primeira saída é a da assimilação, ou seja, “mudar de pele”, tornar-se europeu; a segunda é a revolta aberta contra o colonizador, revolta essa que pode transformar-se em revolução. Entre estes dois momentos, ocorre, como já afirmei, a criação de uma contramitologia, um “racismo às avessas” por parte do colonizado, que, apesar de ainda estar inserido dentro do contexto colonial, apesar de ter um movimento de negação, torna-se dialeticamente afirmação da identidade em construção. Na sua tentativa de fugir do estereótipo colonizado, o negro/árabe encontra um modelo que lhe serve de exemplo, um

[...] modelo tentador e muito próximo a ele[...] precisamente o do colonizador.[...]A primeira ambição do colonizado será a de igualar-se a esse modelo prestigioso, de parecer-se com ele até nele desaparecer.[...]A mulher loura, seja insípida e de traços banais, parece superior a toda morena. Um produto fabricado pelo colonizador, uma palavra dada por ele, são recebidos com confiança. Seus hábitos, suas roupas, seus alimentos, sua arquitetura, são rigorosamente copiados, mesmo sendo inadequados.³²

A assimilação, porém, não pode ocorrer, pois atenta contra o funcionamento do colonialismo. O colonizador recusa-se a assimilar os colonizados: ele zomba deles, “são macacos que imitam, nada mais”. “Ora, *no quadro colonial a assimilação revelou-se impossível*.[...]Para assimilar-se, não é suficiente despedir-se de seu grupo, é preciso penetrar em outro: *ora, ele encontra a recusa do colonizador*.

Tendo em vista a falência da assimilação, já que ela vai contra o funcionamento do próprio colonialismo, há uma segunda tentativa empreendida pelo colonizado em prol da libertação de sua condição inferior: a revolta. Neste ponto, Memmi como Fanon concordam novamente: a revolta violenta do colonizado é a única tentativa realmente eficiente no caminho da libertação.

Longe de nos espantarmos com as revoltas nas colônias, deveríamos nos surpreender, ao contrário, que não sejam mais freqüentes e mais violentas. [...] A revolta, porém, é, para a situação colonial, a única saída que não é miragem, e o colonizado descobre isso cedo ou tarde. Sua condição é absoluta e reclama uma solução absoluta, uma ruptura e não um compromisso.³³

³² MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.106-107.

³³ *Ibidem*, p.111.

Fanon e Memmi concordam que a revolta violenta desmistifica a suposta inferioridade do colonizado, tendo o primeiro adentrado profundamente nesta verdadeira *sociologia da violência*. Eles escreveram suas obras em um contexto que demandava um estudo da violência e da justificação de sua utilização como meio para acabar com o colonialismo, contexto em que diversos povos colonizados cada vez mais se revoltavam contra os colonos europeus e no qual Dien Bien Phú e Bandung eram uma realidade inegável.

A violência é intrínseca ao colonialismo, pois ele se baseia na expropriação da terra dos nativos, na domesticação da força de trabalho, no canhão, na baioneta. O cotidiano colonial exala violência a todo o momento. Seja no extremismo do apartheid, seja no racismo paternalista português, os poros da colônia estão todos entupidos por ela. A violência pode ser velada ou explícita, mas sempre está presente no contexto colonial.

A história do Mundo Moderno, desde o descobrimento e a conquista do Novo Mundo, compreendendo também a colonização da África, Ásia e Oceania, é a história dos mais prosaicos e sofisticados meios e modos de violência, com as quais se forja e mutila a modernidade. À medida que se desenvolvem a ciência e a técnica, em seus usos crescentemente político-econômicos e socioculturais, desenvolvem-se as formas e as técnicas de violência.[...]A violência parece algo intrínseco ao modo pelo qual se organiza e desenvolve a sociedade moderna, seja nacional ou mundial.³⁴

Os colonos que sempre afirmaram que os nativos “só entendem com chicotadas”, “só a força ensina-os” mostraram o caminho inevitável que teria que ser seguido em prol da emancipação. “O argumento escolhido pelo colonizado foi-lhe indicado pelo colono e, por uma irônica reviravolta das coisas, o colonizado é quem agora afirma que o colonialista só entende a força”³⁵. O colonizado desde pequeno convivera com a violência, ele a conhecia. “A situação colonial, por sua fatalidade interior, convoca à revolta. Pois a condição colonial não pode ser suportada: qual uma goliha de ferro, deve ser quebrada”³⁶. Esta violência começou a voltar-se contra o colonizador, ela tornou-se contra-violência, a qual, segundo Fanon e Memmi, produz a recuperação da dignidade humana do colonizado.

³⁴ IANNI, Octavio. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p.170-172.

³⁵ FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p.65.

³⁶ MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p.112.

Fanon³⁷ afirma que: “Para o colonizado, essa violência representa a práxis absoluta”. O colonizado, ao agir na realidade, a transforma e transforma a si mesmo. A violência aproximou os militantes, serviu-lhes como coesão, por isso os militantes argelinos da FLN e também os Mau-Mau quenianos tinham que executar um atentado pessoal contra os colonialistas para fazer parte de suas respectivas organizações. No filme *Batalha de Argel*, vemos que o batismo de fogo de Ali La Pointe, o protagonista da história, inscreve-se neste processo, ele tem que matar um policial francês para provar que não é espião. “A violência é, dessa maneira, compreendida como a mediação régia. O homem colonizado liberta-se na e pela violência. Esta práxis ilumina o agente porque lhe indica os meios e o fim”³⁸.

No momento em que a violência tornou-se explícita na sociedade colonial, ela revelou ao colonizado a verdadeira face do *modus operandi* colonialista e isto desalienou os indivíduos, ela desmistificou as ilusões fundadas nas superestruturas colonialistas.

Sob vários aspectos, a violência é um evento heurístico de excepcional significação. Revela o visível e o invisível, o objetivo e o subjetivo, no que se refere ao social, econômico, político e cultural, compreendendo o individual e o coletivo, a biografia e a história. Desdobra-se pervasivamente pelos poros da sociedade e do indivíduo.³⁹

A linguagem que Fanon utiliza torna-se, em alguns momentos, bastante incisiva como quando ele trata do destino do colono no processo de libertação, não há como a nação vindoura nascer de um compromisso entre os invasores colonialistas e os colonizados em luta.

O aparecimento do colono significou, sincreticamente, morte da sociedade autóctone, letargia cultural, petrificação dos indivíduos. Para o colonizado, a vida só pode surgir do cadáver em decomposição do colono.[...] Essa práxis violenta é totalizante, visto que cada um se transforma em elo violento da grande cadeia, do grande organismo surgido como reação à violência primordial do colonialista.⁴⁰

Muitos vêem em Fanon um pensador sanguinário que defende a violência e suas insanidades, mas para ele a violência anticolonial não é um ato insano que só macula a sociedade humana, ela é uma ferramenta para a resolução de conflitos. Os movimentos de libertação não podem negar a violência, pois ela não é algo exógeno à sociedade colonial, é

³⁷ FANON, op. cit. P.66.

³⁸ FANON, loc. Cit.

³⁹ IANNI, Octavio. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p.169.

⁴⁰ FANON, op. cit. p.73.

algo cotidianamente presente. Mesmo naqueles países, ex-colônias, que ganharam a independência de seus ex-senhores de um modo aparentemente pacífico, a libertação política foi fruto da revolta violenta de outros povos colonizados⁴¹. Em situações como as da Indochina e da Argélia, as metrópoles colocaram na balança esta situação problemática e pensaram se realmente valia a pena correr o risco de gerar prejuízos maiores que os lucros que as colônias proporcionavam. Concluíram que o melhor era garantir uma independência controlável e calma, que assegurasse os interesses econômicos da metrópole e estabelecesse as bases para o neocolonialismo, baseado na submissão das classes dominantes, que se contentam em ser fantoches dos interesses imperialistas em detrimento do desenvolvimento da nação.

Conclusão

Neste trabalho, busquei compreender o pensamento de Frantz Fanon relacionado com a conjuntura de emergência dos povos afro-asiáticos e sua luta pela libertação nacional. A condição colonial era marcada por duas chagas que se completavam: a alienação e a violência. Fanon teve uma importância crucial para os povos colonizados em luta pela libertação nacional: ele analisou como o colonialismo cria a suposta inferioridade do colonizado que, enfraquecido e derrotado, acaba por aceitar esta ideologia. O racismo é o pilar ideológico do colonizador, é a justificativa que ele criou para poder efetuar a colonização, vendo-a não como uma violência, mas como um benefício aos colonizados. Fanon e Memmi ajudaram o negro, o árabe e os colonizados em geral a compreenderem que a construção da *máscara branca* era um sintoma grave da despersonalização fomentada pelo colonialismo: o processo de embranquecimento que vivencia o colonizado, que não quer ser negro, ou não quer ser árabe, mas também não pode ser branco, ser assimilado totalmente, fende o indivíduo, aniquilando-o. Nisto está o significado maior de *Pele Negra, Máscaras Brancas*.

A Guerra de Independência na Argélia foi extremamente violenta, devido principalmente ao grande número de colonos franceses que viviam na colônia.

⁴¹ Ibidem, p.53.

Acompanhamos, neste estudo, aspectos da trajetória do colonialismo francês: expropriações, massacres, torturas e reagrupamentos. Fanon absorveu muito da realidade argelina, foi na Clínica Psiquiátrica de Blinda-Joinville que ele presenciou primeiramente a violência à qual os argelinos eram submetidos. Ele sofreu a influência da realidade argelina na medida em que defendeu o uso da violência contra o colonizador, Os nacionalistas argelinos que tentaram com métodos democráticos emancipar-se foram sempre barrados pela intolerância francesa, que defendia a Liberdade, Igualdade, Fraternidade somente para a metrópole e nunca para a Argélia, apesar ser ela considerada parte da França.

O estudo sobre o pensamento de Fanon trouxe à tona uma série de questões pertinentes sobre o racismo e sobre a alienação, inclusive nestes tempos pós-coloniais, pois, passados anos da conjuntura em que o pensador escreveu, o preconceito racial continua impregnando a sociedade atual, inclusive a brasileira, que o esconde sob o véu mítico da “democracia racial”. Estudar Fanon no Brasil é imprescindível para compreendermos melhor o racismo assimilativo que aqui vigora e para buscarmos alternativas para aniquilá-lo.

BIBLIOGRAFIA

A BATALHA de Argel; Direção de Gillo Pontecorvo; Produção de Yacef Saaid; Argel: Casbah Films, 1965. (vídeo).

CHALIAND, Gerard. *Mitos Revolucionários do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

FANON, Frantz. *Black Skin, White Masks*. New York: Grove Press, 1967.

_____. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. Racismo e Cultura. *Em Defesa da Revolução Africana*. Lisboa: Sá da Costa, 1980.

FERRO, Marc. *História das Colonizações: Das Conquistas às Independências. Século XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. O Filme: Uma Contra-análise da Sociedade? *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

IANNI, Octavio. Capitalismo, violência e terrorismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

POERNER, Arthur José. *Argélia: O Caminho da Independência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. Selvagens, Exóticos, Demoníacos. Idéias e Imagens sobre uma Gente de Cor Preta. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, nº 2, p.275-289, 2002.

_____. O colonialismo é um sistema. *Les Temps Moderns*, nº 123, março-abril de 1956. IN: *Colonialismo e Neocolonialismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968a.

SOARES, Orson. *Defendam-se: A História dos Panteras Negras*. São Leopoldo: Unisinos, Trabalho de Conclusão do Curso de História, 2003.

YAZBEK, Mustafá. *Argélia: a guerra e a independência*. São Paulo: Brasiliense, 1983.